ANO I — LISBOA, 8 DE MARÇO DE 1924 — N.º 16

O COMUNISTA

ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos

PROPRIEDADE DO GRUPO EDITOR "O COMUNISTA"

Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOSÉ RODRIGUES

Redacção e Administração RUA DO CONDE DAS ANTAS, 51 r/c

Composição e impressão TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 35 - LISBOA

GES PCP

NO CAMINHO DA REVOLUÇÃO

O suplemento de *O Comunista*, que publicámos a seguir á jornada de 22 de Fevereiro, foi objecto da mais viva discussão. Nem sempre a sua interpretação foi feliz e acertada.

A massa, a grande massa dos explorados, recebeu-a bem, com entusiasmo até. Houve, porem, um grupo de militantes, do melhor que ha no nosso movimento operario e social, que viu na nossa atitude uma precipitação, uma leviana apreciação dos acontecimentos, uma temeridade e audacia desmarcadas.

A opinião destes militantes, que não pertencem ao Partido Comunista mas acompanham a sua acção, sintetisa-se na seguinte frase expressa por um deles: *Lamentamos não estar de acordo com o Partido Comunista.*

Merece-nos um especial cuidado a opinião destes camaradas, e por isso, fazendo um sereno exame dos nossos actos, verificamos nada ter que retificá-los, mas simplesmente que esclarecê-los.

A opinião daqueles camaradas fundamenta-se no seguinte:

1.º — Na impreparação da massa, que é apenas revoltada, para uma revolução profunda de caracter social.

2.º — Na impossibilidade imposta pelas nossas actuais condições economicas e geograficas.

A Revolução social é uma peça em muitos actos espaçados, cuja ligação se não obtem por uma linha recta

Numa reunião, em 18, nós dissémos: *E' preciso cair em massa na manifestação promovida pelas Juntas de Lisboa. Por detraz desse acto pode não estar nada; pode tambem estar a Revolução.* E, na verdade, estava e está a Revolução.

O comicio de Praça dos Restauradores foi para nós um indicio, apenas, mas a jornada de 22 de fevereiro é já uma revelação que não engana.

Quem acompanhou, do seu inicio, a manifestação e a sentiu vibrar, quem no largo das Côrtes presenciou as tentativas para forçar as portas do Parlamento e ouviu de milhares de bocas a frase terrivel: — *Vai-se lá acima e atiram-se todos pela janela fora*, e que tenha a nossa experiencia, não pode pôr em duvida que assistiu ao primeiro acto da Revolução social.

Simplesmente, uma Revolução social não é uma revolução qualquer em um acto e alguns quadros. A Revolução social tem muitos actos separados por largos intervalos. Entre a tomada de Bastilha e o 10 de agosto medeiam tres anos. O primeiro, é um acto expontaneo da multidão, com guias ocasionais, sem uma directriz social definida, acto que um conjunto de circunstancias fortuitas coroou de exito; o segundo, é um movimento disciplinado, preciso, com chefes categorisados, onde se observam as regras estrategicas, concentração ordenada no ponto decisivo, ataque a fundo visando um objectivo definido — a queda da realeza.

E entre os dois actos que soma de episodios, que serie de zigue-zagues, que de hesitações e de desvios, constituindo todo um rico manancial de ensinamento revolucionario!

Converter-se em guia da multidão actuante e revolucionaria, eis o primeiro esforço a que visa o Partido Comunista

A jornada de fevereiro é, guardadas as devidas proporções, o nosso 14 de julho. A multidão quer agir, está disposta a todos os sacrificios. Mas move-se desordenada, sem objectivos precisos. Isso causa é certa. Ela não confia nos politicos burgueses. Fez a todos um colossal manguito de muitos milhares de punhos arqueados, não os deixando sequer falar. Este gesto foi expontaneo e simultaneo. A rua é da extrema proletariana — eis a grande revelação e o significado da jornada de fevereiro. Mas é preciso não ter ilusões. Não conquistámos ainda o direito de a conduzir, de levá-la ao combate pelas nossas palavras de ordem. Por enquanto é ela que nos conduz. E' preciso não descolar o ouvido do peito do paciente, sentir-lhe as palpitações, arriscarmo-nos com ele, inspirarmo-lhes confiança para que ele aceite o remedio que urge aplicar no momento preciso.

O P. C. propagando e intensificando a palavra de ordem: *Pelo governo dos operarios e dos camponeses*, fez o que lhe competia fazer.

E' preciso que em todas as manifestações de massas o Partido Comunista surja tomando a dianteira; é preciso que a multidão se habitue a vê-lo e a segui-lo.

Só depois de muitas acções parciais ele está preparado para determinar o assalto geral e decisivo.

A rua será nossa. Todos os agrupamentos politicos burgueses estão na impossibilidade de reconquistá-la. Eis o factor primordial da Revolução. O que nos disse a manifestação de 22 de Fevereiro foi o seguinte: *Tens aqui a materia prima essencial. Trabalha-a, adapta-a aos fins que tens em vista.*

E nós a trabalharemos. Repetir-lhe-hemos cem vezes, mil vezes: *Ao governo dos operarios e dos camponeses.* E á força de repetir essa frase, ela penetrará em todos os cerebros como a solução unica que convem adoptar.

O que o P. C. quer não é fazer de cada manifestante um comunista consciente, o que era pretender o impossivel, o que o P. C. pretende, e consegui-lo-há, é converter-se no guia das multidões.

Não sendo Portugal um paiz de capitalismo, a trajectoria da Revolução entre nós não se assemelha á dos paizes capitalistas

Se aprofundarmos as causas da crise portuguesa temos de reconhecer que os factos entre nós se não passam como nos paizes caracterisadamente industriais, cuja trajectoria revolucionaria Karl Marx tão magistralmente desenhou.

De facto, entre nós não houve jamais uma concentração larga das forças de produção, que precipitasse no seio do proletariado os medios e pequenos industriais, os medios e pequenos comerciantes, os medios e pequenos lavradores. Pelo contrario, todo o exame da nossa vida economica leva a uma conclusão oposta. O fenomeno operou-se no sentido inverso, principalmente depois da guerra. Apesar duma sensivel emigração dos centros rusticos para os centros urbanos o proletariado não aumentou.

Inversamente, aumentou o numero dos pequenos empresarios industriais, comerciais e agricolas.

Não houve, nem haverá já, um verdadeiro capitalismo entre nós. As grandes empresas citam-se, todos as conhecem — a Companhia de Portugal e Colonias, a Companhia União Fabril, etc. E estas mesmas produzem para o mercado interno, para as necessidades caseiras. Nunca, pelo desvio ou afrouxamento dos mercados externos, estivemos a braços com grandes crises de trabalho, com despedimentos em massa.

Somos um paiz que nunca presenceou, nem presenceará, uma crise capitalista, pelo simples motivo de se não ter desenvolvido entre nós um verdadeiro capitalismo. Bem diversa é a situação da Alemanha presentemente, e tambem dentro em pouco a da Belgica, da França e da propria Inglaterra, onde os desempregados atingem cifras colossais.

Como nunca tivemos grandes empresas, agrupando milhares de operarios, nunca houve entre nós as grandes batalhas de classe. E' tudo tão pequeno em Portugal!

Em compensação, atingimos já a luta politica que é uma forma superior da luta de classes.

Como se chegou a este extremo sem demora nos pontos intermediarios?

Porque, não obstante se não terem realizado a concentração maxima das forças de produção e a consequente proletarisação das classes medias, estamos perante a catastrofe prevista por Marx?

A crise financeira do Estado, insoluvel, arrasta a queda do regime e precipita a Revolução

Se executarmos o periodo da primeira dinastia, verificamos que a nossa historia economica se caracterisou sempre por uma posição deficitaria. Temos vivido de tudo. Do comercio dos escravos ou das especiarias, do ouro do Brasil, dos emprestimos, das economias dos emigrantes, da circulação fiduciaria, para pagarmos o excesso do que consumimos sobre o que produzimos. O montante das despesas e receitas do Estado excede em muito o movimento global das importações e exportações expressas em moeda. Do montante da circulação fiduciaria 1/4 apenas é desviado para o comercio e a industria, sendo os restantes 3/4 absorvidos pelas necessidades financeiras do Estado.

O Estado entre nós é tudo ou quasi tudo. E' ele ainda o nosso maior emprezario. Ha industrias que só vivem mercê do seu patrocinio; ha bancos que funcionam com o seu dinheiro; ha empresas que com os seus descuidos realisam os maiores negocios. O caso da Companhia dos Tabacos não é inedito, tem precedentes. E zombam do infeliz, não ha pedrada que lhe não atirem, forçando-o a viver de expedientes.

Esgotados e experimentados todos os expedientes, surge-nos a crise financeira do Estado, com o seu caracter insoluvel, crise que arrastará a queda do regimen burguez e a dissolução do Estado nas suas formulas historicas.

O Estado vê-se num beco sem saida. Se aumenta a circulação fiduciaria precipita a desvalorisação da moeda, com todas as suas consequencias de desordem social e dificuldades inerentes. Se não aumenta, o pequeno industrial, o pequeno comerciante, o pequeno lavrador, não obteem descontos bancarios, pela rarefação da moeda, e então liquidam, proletarisando-se, ou, obteem creditos á força da elevação da taxa de juro, o que dá consequentemente a elevação do custo da produção, carestia da vida.

E' isto o que neste momento se verifica. Emprezas que liquidam por deficiencias de meios para resistir á crise, classes que precipitadamente se vão proletarisando, aumento dos desempregados, exacerbamento da luta de classes, na sua forma superior — a luta politica. Crise insoluvel, guerra social levada ao extremo.

O governo toma providencias sempre morosas e inoportunas. A frota maritima não se vende, os navios apodrecem. Os bairros sociais não liquidam, reduzem-se a escombros. O Parlamento entorpece toda a acção governativa. Crise financeira do Estado, crise do regimen politico.

Mas, vá lá, o governo consegue pôr de parte o trambolho do Parlamento e entra na tarefa legislativa. Para haver dinheiro ás mãos, para solver compromissos, para providenciar em materia de excesso dos preços, é coagido a restringir a atividade bancaria, do comercio, da industria, da agricultura. Novo aspecto da crise — a desconfiança. Exodo dos capitais. Reflexamente, novo agravamento da crise financeira.

A miseria alastra, irradia cada vez mais o seu raio de acção, atingindo e tocando as mais largas e profundas camadas sociais. Vem a descrença nas formulas preexistentes do governo, a predisposição para aceitar coisas novas. A multidão ruge e escancara as mandibulas. As minorias conscientes entram em acção e conduzem-na. Eis a Revolução.

Toda a Revolução carece dum minimo de probabilidades mas nenhuma dispensa a audacia dos chefes

Vamos responder agora concretamente á observação dos nossos camaradas, áqueles que nos dizem depois da leitura do suplemento de «O Comunista»: — *Idos precipitar os acontecimentos. Correis a um desastre certo. A massa não está preparada.*

Ou nós somos supinamente burros, o que admitimos, ou a manifestação de 22 de Fevereiro teve o condão de embriagar-nos, transformando a côr dos vidros das nossas lunetas, pondo o côr de rosa onde estava o escuro.

A massa não está preparada para quê? Para aprofundar a doutrina comunista? E quem pensou em levá-la a esse ponto? Que a massa se manifeste disposta a agir, que ela consinta em se deixar guiar pelo Partido Comunista, eis tudo o que podemos exigir dela.

Ora para levar a massa a este estado de preparação, o que é preciso?

Repetir-lhe hoje, ámanhã, sempre, a nossa palavra de ordem: — *Ao governo dos operarios e dos camponeses.*

E é isto que aqueles camaradas, nossos simpatisantes, julgam uma precipitação, uma temeridade. Não, nunca é cedo para se propagar uma ideia quando se está da posse dela, nunca houve maneira de fazer aceitar uma ideia senão repetindo-a muito.

Mas — dirão — o Partido Comunista carece, pelo menos, dum estado-maior, isto é, carece dumas centenas de camaradas que no momento preciso saibam o que querem e como querem. Evidentemente. Mas quem conhecia Danton, Robespierre, Saint Just e a maioria dos homens da Convenção antes de 1789? Não ha melhor escola para preparar revolucionarios do que a propria Revolução. E nas revoluções caminha-se depressa.

A Russia dá-nos um belo exemplo. O P. C. R. tinha antes da Revolução de 1905, apenas 2 500 aderentes. Até 1916 conseguiu juntar 15.000 e em 1917, durante o periodo de Kerensky, agrupou mais 35.000, o que deu ao P. C. R. um total de 50.000 filiados para uma população de 160.000.000 de almas e foi com esta insignificante minoria, 3 para 10.000, que Lénine mergulhou no torvelinho da Revolução para surgir vitorioso na crista da vaga.

Toda a Revolução carece dum minimo de probabilidades mas ai dos chefes revolucionarios que cerrem os ouvidos ao estribilho de Danton: — *Audacia, audacia e sempre audacia.*

A nossa Revolução proletariana em face da situação internacional

A situação atual da Europa não é ainda propicia a permitir a eclosão dum movimento revolucionario em Portugal, se bem que essa situação se apresente hoje bem mais favoravel do que ha tres anos.

Mas jogar com este argumento é supor: 1.º — Que a Revolução em Portugal atingo *imediatamente* a sua fase culminante; 2.º que a situação atual da Europa é estavel e prometedora ao regime burguez.

Ora estas duas hipoteses não entram nos nossos calculos, bem longe disso.

A Alemanha, oferece-nos o exemplo tipico do paiz lançado no turbilhão revolucionario.

Veja-se a serie de desvios que segue o seu curso revolucionario, desde a tentativa de Liebknecht á de Hamburgo. Em outubro ultimo todos dizíamos: — *E' agora.* Não foi ainda. Em vez da vitoria, uma retirada sem combate, a ditadura de von Seeckt, a interdição do Partido Comunista.

E, coisa admiravel, o P. C. A. sae desta prova de quatro meses de vida clandestina mais vigoroso do que nunca. Perseguido, sem imprensa, confiscados os seus haveres, ele consegue elevar ao duplo o numero dos seus deputados e não ha um dia só em que se não opere uma deslocação de forças, quer no terreno politico, quer no terreno sindical, a seu favor.

Entre a jornada de Fevereiro e o acto culminante da Revolução portugueza, a quantos desvios não seremos nós forçados, quantas derrotas não nos estão reservadas?

Quanto á situação internacional ela é, por efeito da crise geral determinada pela guerra, o que ha de mais instavel e movediço. O capitalismo, quer na França, quer na Italia, quer na Espanha, quer na propria Inglaterra, mostra-se inespaz de superar a sua crise.

Nós podiamos citar em reforço das nossas opiniões os testemunhos de Lloyd George, de Smuts e de Nitti que não podem ser suspeitos de bolchevismo.

Mas admita-se o inverosimil, admita-se que o estado da Europa não sofre proximamente alterações sensiveis.

Neste caso, não querendo recorrer ao levantamento insurrecional, ao proletariado portugues só lhe restava uma alternativa — a resignação á miseria extrema, com a perda de todas as suas conquistas, o direito de greve, a jornada de 8 horas, etc. E' admissivel uma tal resignação nos paises latinos?

Contra todos os perigos, contra todos os riscos, o Partido Comunista nunca poderia aconselhar uma tal resignação.

O Partido Comunista se tal fizesse lavraria a sua sentença de morte. Os perigos apontados são provaveis, não são certos e infaliveis. E nenhuma Revolução ainda se lançou que não contasse com perigos provaveis.

Certamente, uma Revolução lançada em taes circunstancias não poderia fazer taboa rasa de todos os compromissos internacionais, não poderia bolir nos haveres dos subditos estrangeiros. Proceder de maneira diversa seria dar razões juridicas para uma intervenção armada.

Mas não é de espantar que respeitemos os bens dos subditos estrangeiros. As nossas forças economicas estão de tal modo fragmentadas que a não ser as industrias bancaria, de seguro, da moagem, dos tabacos, dos fosforos, dos transportes ferroviarios e de longo curso, poucas mais oferecem possibilidade de nacionalisação. O resto terá de ficar ainda confiado á iniciativa particular até que se opere o trabalho moroso da sua concentração.

O governo dos operarios e dos camponeses visa:

1.º — *Concentrar todos os poderes politicos nas mãos dos trabalhadores manuais e intelectuais, camponeses ricos e soldados.*

2.º — *Substituir a gestão patronal pela gestão sindical das industrias.*

3.º — *Substituir o comercio particular por um sistema integral cooperativista.*

4.º — *Elevar a cultura geral da população.*

Só o primeiro ponto pode ter uma execução imediata e integral. Os outros são de execução gradual e demorada.

A Revolução proletariana deparará com dificuldades economicas que terá de superar e vencer

As nossas deficiencias economicas?

Na verdade, era este o nó gordio da questão até ha pouco, quando a Russia, manietada pelo bloqueio, não estava em condições de fornecer aos outros Estados proletarianos, a formar, qualquer especie de concurso. Hoje a situação está inteiramente modificada a nosso favor.

Os navios russos entram e saem livremente nos portos inglezes e italianos e não tarda que adquiram a mesma liberdade em relação aos portos de outros paises.

De positivo, baseando-nos nas proprias resoluções do P. C. R., sancionadas pelos congressos pan-russos dos Sviets, podemos contar com cereais e materias primas da Russia e com a manutenção dum comercio regular com a Alemanha, a Inglaterra e a Italia, por intermedio da Russia.

Sem duvida, as nossas relações comerciais terão de sofrer profundas alterações. Ha mercados com os quais não mais poderemos contar. A nossa industria terá de orientar-se pelas novas directrizes comerciais que lhe forem ditadas.

Tudo isto trará de inicio uma perturbação mais ou menos grave. Certas importações terão de evitar-se completamente para estabelecer o forçado equilibrio da balança comercial. Dos seis milhões de hectolitros de vinho que se consomem no mercado interno, a maior parte, talvez cinco milhões de hecto litros, teem que ir barra fora a preços de concorrencia. E se mesmo assim não se obtiver colocação para esses vinhos não haverá remedio senão modificar as culturas, substituindo a vinha.

Muito ao contrario duma boa parte dos revolucionarios que nunca dedicaram uma hora ao estudo do problema da nossa economia, nós não confiamos no milagre dum ressurgimento economico rapido. Sim, nós sabemos que o nosso país tem vastos recursos latentes mas sabemos tambem que só com um trabalho disciplinado de muitos anos e com o dispendio de largos recursos monetarios esses recursos se poderão valorisar.

E' preciso destruir impiedosamente um certo numero de fantasias. Ha um bom numero de camaradas, alguns até bacharéis, que supõem que o simples triunfo politico do proletariado trará automaticamente a abastança. Carvão? Não precisamos, temos a energia hidraulica. Horario de trabalho? Não é preciso, a maquina substituirá o esforço humano. Estes e outros erros estão espalhados e enraizados no espirito simplista das multidões e trarão frenetas desilusões se não combatermos a tempo e com severa energia.

Ha, pois, dificuldades a enfrentar. O dever dos revolucionarios é atacá-las, dominá-las, vencê-las. Nenhuma Revolução profunda as deixou de encontrar.

Nas batalhas revolucionarias quem se coloca na defensiva perde todas as probabilidades de vencer

Um marechal do Partido Nacionalista, o dr. Ferreira de Mira, escrevia ha dias no seu jornal:

«Mudou o regimen politico, mas não mudou o regimen social. Constituiu-se uma Republica burguesa, por vezes com seus quês de demagogia, por vezes com intermitencias de autoritarismo. Manteve-se, pois, a burguesia no poder, e é isto o que eu quero notar. Já quem governava nos tempos da monarquia constitucional eram os burgueses, relegados como tinham sido os nobres para a inutilidade da má lingua, das touradas e dos estudos de pergaminhos heraldicos.

«Vê-se agora que esta burguesia não soube tirar os ensinamentos devidos da revolução que ela propria fizera, e tendo dado logar a escandalos no tempo da monarquia, quer continuar com a mesma insensatez no tempo da Republica. Somente a burguesia deve lembrar-se de que, em 1910, teve um meio de salvação, que foi a mudança de forma; esta mudança lhe permitiu continuar no poder. Agora, em 1924, não tem já esse recurso; e quando os seus erros e os seus vicios tornarem inevitavel uma substituição do regimen existente, o poder sair-lhe-ha das mãos.»

O nosso colega *A Internacional*, transcrevendo este trecho, comenta assim:

«Não ha, portanto, salvação possivel para a burguesia. Impõe-se a mudança de regimen social.»

E a mesma *Internacional* depois de reconhecer que a manifestação de 22 de Fevereiro revestiu o aspecto duma jornada revolucionaria, diz:

«O caminho consiste, quanto a nós, em não nos precipitarmos, em ganharmos tempo, em não nos abalançarmos decididamente por uma ofensiva, mas sim, em mantermo-nos no plano duma defensiva energica com **todos** os que teem interesses identicos a defender e simplesmente no ambito desses comuns interesses.»

Quer dizer: nada de falar em Revolução social, toca a deitar agua na fogueira que se ateou.

Como nós, no suplemento de *O Comunista*, fizemos um caloroso apelo a todas as tendencias do proletariado para manterem a sua unidade, subintende-se que *A Internacional* lamenta a perda da coligação republicano-social.

Não fomos nós, o P. C., que desfez a coligação, foi a massa, foi a multidão que, sem sugestões de qualquer especie, não permitiu que um só republicano burguez lhe dirigisse a palavra. Nós não fizemos senão seguir as indicações da multidão. Estamos em boa companhia.

O pensamento de *A Internacional* sabemos não qual é. Ela considera indispensavel gastar os politicos não experimentados. Está bem. Se dependesse da nossa vontade, teríamos ámanhã um governo de radicais ou socialistas. Mas descanse *A Internacional* que o facto ha de dar-se. Nos periodos revolucionarios os governos são autenticos fornos crematorios a reduzir politicos a cinzas. Havemos de ver os radicais, os socialistas e muitos outros naufragarem nesse escolho.

A Internacional aconselha-nos na conjuntura presente a mantermo-nos na defensiva. Não seguimos o conselho. Acompanharemos

GES PCP

REPISANDO

Entre a actual sociedade capitalista e a sociedade comunista tem de haver um período de transição em que o Estado terá de ser a ditadura revolucionária do proletariado.

Isto está dito e redito, porém, nunca é demais repetir, gritar bem alto esta grande verdade.

Num anterior artigo já expuzemos mal ou bem o que se deve entender por Estado proletariano, isto é, a ditadura do proletariado.

Tem a palavra Lenine: «La Revolution Proletarienne», pag. 18.

«Ditadura é um poder apoiado directamente na fôrça e que não está submetido a nenhuma lei.»

«A ditadura revolucionária do proletariado é um poder conquistado e mantido pela fôrça empregada pelo proletariado contra a burguesia, poder que não é submetido a nenhuma lei.»

Ditadura não exclue, porém, a democracia para a classe que realiza esta ditadura contra a outra classe. Do forma que se poderia chamar a ditadura do proletariado, sem receio de errar, democracia proletariana.

Democracia, se não engana o unico e vetusto dicionário que nos acompanha desde os bancos do liceu, quere dizer govêrno popular.

Querem govêrno mais popular do que a classe oprimida e explorada, organizada em classe dominante?

Os nossos socialistas (?) ainda nos falam em evolução e ao mesmo tempo vão declarando a classe camponesa incapaz de colaborar na obra revolucionária do proletariado industrial (*Protesto Socialista* de 3 de Fevereiro).

Evolução, sim, mas depois da Revolução que, estilhaçando o Estado burguês, ponha o poder político nas mãos dos operários e camponeses pobres.

Qual é a forma que deve tomar o Estado proletariano? A Comuna.

Esta palavra traduz maravilhosamente a idea que nós, os marxistas, fazemos do Estado proletariano.

A Comuna não é um parlamento, é um organismo genuinamente popular, eleito por sufragio directo pelo povo trabalhador; ela toma resoluções e executa-as, sem intermédio dum poder executivo, e ao mesmo tempo vela pela segurança e firmeza do novo estado de coisas.

Para usarmos da linguagem corrente a Comuna exerce ao mesmo tempo o poder legislativo, executivo e judicial.

A Comuna nomeia o pessoal administrativo e técnico para as fabricas (engenheiros, mestres, empregados de escritório, etc., etc.,) substitue a burocracia por funcionários responsáveis e amoviveis.

De resto, a máquina do Estado burguês destruida, as funções publicas anteriormente dirigidas por burocratas de carreira passando a ser simples serviços de contrôlo e estatistica, podem ser exercidas por qualquer cidadão que saiba ler e escrever correctamente.

A Comuna, finalmente, recruta e organiza duma forma proletariana o exército vermelho, indispensável para a defeza da Revolução.

A todos os funcionários, operários e técnicos, deve ser atribuido um salário de operário.

Querem mais democracia?

E' mesmo democracia o que o proletariado pode ter no dia seguinte à Revolução.

Igualdade e Liberdade só na fase superior da sociedade comunista se podem conseguir.

O que a democracia proletariana torna impossivel é a exploração do homem pelo homem e a acumulação de capital; o que a democracia proletariana torna possivel é a intensificação da produção sem a qual se não pode pensar sequer em comunismo.

Os homens nascidos sob este regime e nele educados, não tendo de sofrer a acção da opressão economica atual, não reagirão revoltando-se; não será precisa então a força publica para reprimir revoltas.

Todos nós, na sociedade atual, nos habituamos à pratica de um certo numero de actos que nos parecem absolutamente naturais.

Quando a força dos nossos braços e as criações da nossa inteligencia não tiverem que ser vendidas à baixo preço, para assim conquistarmos o pão nosso de cada dia, o trabalho aparecerá ao homem como a primeira necessidade da vida e não como um castigo de Deus...

A' medida que o homem se fôr habituando à pratica livre de todos os actos da vida social, o Estado vai morrendo lentamente por já não ser necessario. A propria Democracia irá guarnecer qualquer museu de antiguidades sociais. A Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade serão um facto.

Não é a nossa geração que ha de vêr isto.

Embora! A'vante!

E que cada trabalhador consciente tenha sempre em vista:

— Falar em comunismo livre sem organizar a super-produção é dizer palavras sem lhes percebe o sentido.

— Falar em evolução dentro da sociedade capitalista é trair conscientemente o proletariado.

— Declarar os camponeses pobres incapazes de enfileirar ao lado do proletariado revolucionario é negar a Revolução.

A. Miranda

Presos por engano

Na sessão de 25 do mez passado travou-se na Camara dos Deputados o seguinte curioso, elucidativo e eloquente dialogo:

O sr. Sá Pereira chama a atenção do sr. ministro dos Estrangeiros para o facto, que reputa grave, de continuarem presos em Sevilha dois operarios portugueses que, por qualquer motivo, se tornaram suspeitos ás autoridades hespanholas.

O sr. dr. Domingos Pereira declara que esses operarios não podiam, de modo algum, ser considerados elementos perturbadores, porque são contra a revolução comunista, acrescentando que realizou já as suas demarches junto do governo hespanhol, no sentido de conceder a liberdade aos dois operarios portugueses.

Que atentem bem nestas palavras do dr. Domingos Pereira os operarios sinceramente dedicados à causa revolucionaria.

O que disse o dr. Domingos Pereira é uma verdade flagrante. Para combater a Revolução comunista é ainda o melhor processo, muito melhor que os meios de força, a protecção e o estimulo de governos e capitalistas à propaganda anarquista, feita de palavreado esteril que não conduz a nenhuma cousa pratica no terreno revolucionario.

Mais duma vez temos dito isto mesmo, mas dito por nós não tem importancia.

Agora é o governo que vem dizer: *é preciso protegêr os anarquistas; é preciso dar lhes toda a liberdade de propaganda para que se oponham aos comunistas. Os anarquistas são a melhor garantia da existencia do regime burguez.*

Todos nós sabiamos isto. Era nos indispensavel que fosse pessoa insuspeita a confessá-lo.

Que o proletariado penetre bem o sentido das palavras do dr. Domingos Pereira e delas tire o necessario ensinamento.

Os anarco sindicalistas não são perturbadores da ordem porque são contra a revolução comunista.

Está certo.

Augusto Miranda

No proximo número publicaremos uma interessante carta do nosso prestigioso camarada e distinto colaborador dr. Augusto Miranda, apreciando a atitude de *A Internacional*.

A Cesar o que é de Cesar

Camarada redactor: — No relato da manifestação de 22 de fevereiro, atribue-se-me uma frase que não corresponde à verdade. Não fui eu que disse que iriamos para os assaltos se o governo não tomasse providencias.

Junto de mim falaram Artur Inacio, José Gomes Pereira, Constantino Mendes e outros. Posso garantir, porem, que quem empregou aquela frase não era pessoa conhecida no nosso meio operario. Conhecê-la-hei possivelmente se a tornar a ver. Está é a verdade dos factos.

Lisboa, 25 2 924.

Alberto Monteiro

A LUZ

O jornal *A Luz*, orgão da Maçonaria Portuguesa, ocupou-se nos seus dois ultimos numeros, com largueza, conhecimento e correção, dos trabalhos do Congresso Comunista.

Coisa curiosa! A discordancia de *A Luz* não reside no receio que lhe inspira o sistema comunista mas na distinção, que não soube fazer, entre o periodo transitorio, em que se é forçado a deixar subsistir muitas formulas de aparencia capitalista, e o sistema comunista, completo e integral.

Responderemos ao ilustre colega com a mesma correção com que se houve para comnosco.

Antigo Restaurant Frade

R. da Horta Seca, 34, 36 e 38 (ao Camões)

LISBOA

ALEXANDRE ROSADO é o novo proprietario deste antigo estabelecimento e participa a todos os nossos leitores que tem a sua casa completamente remodelada, razão para que todos a prefiram.

Cosinha retintamente portuguesa

Serviço por lista. Jantares e lanches para casamentos

PENSIONISTAS: Recebem-se a preços modicos. Aceio! Economia!

TACTICA E DOUTRINA

O SINDICALISMO

As suas bases e os seus objectivos

O sindicalismo baseia-se na divisão da sociedade em classes, classes cujos interesses estão em permanente litigio.

A luta de classes — os anarquistas empregam esta frase sem lhe aprofundar o sentido e a origem — não é uma causa mas sim efeito doutras causas.

A luta das classes é tão antiga como a historia da constituição das sociedades em possuidores e não possuidores. Mas o proletariado e o capitalismo, são classes novas, cuja existencia não conta mais dum seculo.

Foi a concentração das forças economicas que fez nascer estas classes. Os meios de produção assambarcados em poucas mãos, sistematisando a exploração do trabalho humano — eis o capitalismo; a aglomeração de muitos trabalhadores assalariados sob o dominio do mesmo patrão — eis o proletariado.

Eis como se operou o surgimento das duas classes principais e caracteristicas em que se divide a sociedade.

Mas a par desta divisão economica existe sempre a divisão moral ou ideológica. E assim é que nem todos os individuos da mesma classe teem a mesma concepção politica ou religiosa. Frequentemente, na mesma seita politica ou religiosa se encontra o capitalista ao lado do operario assalariado.

Porem, os interesses materiais são mais vivos que os interesses morais, sobrepondo-se os primeiros aos segundos.

E assim, pelo sindicalismo facil foi crear uma base de entendimento entre os proletarios. Este entendimento tem uma base exclusivamente material e por isso duma solidez inabalavel.

Desde, porem, que se queira ultrapassar esta base de natureza material, desde que se queira converter o sindicalismo num corpo de doutrina exclusivista, o sindicalismo entra infalivelmente num terreno escorregadio, porque gera no seu proprio seio a luta das facções, não umas contra as outras, o que pouco abalo causaria à organização se ela se mantivesse independente, mas que fere o proprio sindicalismo se ele toma partido por qualquer dessas facções.

O sindicato é inquestionavelmente o organismo mais apto para ligar os operarios, na sua qualidade de assalariados, e nenhum organismo tambem melhor pode fazer uma mobilização de massas na defeza dos interesses exclusivamente operarios.

Perde, porem, todas estas vantagens quando queira sobrepor as tendencias ideologicas aos interesses materiais em jogo.

Certamente, como dizia Latapie, as repercussões da acção sindical indicam a necessidade duma acção para a completa transformação social.

O Estado, acorrendo constantemente na defesa dos direitos da propriedade, revela aos operarios, na pratica da luta sindical, que lhes é indispensavel ferir o Estado para atingir em cheio o capitalismo. E dahi a razão porque o sindicalismo afirma a necessidade de uma transformação social, eis porque confessa um fim politico.

Como é determinavel este fim politico? Sendo o sindicalismo um agrupamento de base material é evidente que o seu fim politico não pode buscar uma base diferente. A luta de classe deve necessariamente ter como corolario o triunfo da classe operaria, como classe dominante, isto é, a ditadura do proletariado.

A ditadura do proletariado não pode estar em contradição com os interesses materiais dos operarios. E' estupidamente estranho que alguem, com o nome de operario e em nome do operariado, venha combater esta formula. Pode lá conceber-se que querendo o proletariado atingir a sua emancipação integral recuse a situação de dominio na nova ordem de cousas?

Mas não é o operariado que se coloca na situação estranha de negar o dominio á sua propria classe, isto é, a si mesmo. E' o anarquismo.

Se o sindicalismo, na hora propria, recusasse a unica solução conforme aos interesses da classe operaria em geral, se recusasse a ditadura do proletariado trairia a sua missão. Seria um lutador desqualificado por desistencia a meio do combate.

Adolfo de Morais

Vida partidaria

Comuna de Vale de Vargo. — Na Casa dos Trabalhadores desta aldeia realisou o professor Joaquim Antonio Carvalho uma interessante conferencia sobre *O problema da instrução e da assistencia* que foi largamente concorrida.

Presidiu o camarada Francisco J. Carrasco, tendo usado da palavra para elogiar o conferente os nossos camaradas Jeronimo Toucinho, Bernardino B. Machado e Fiel B. Machado que deixaram agradabilissima impressão na assembleia.

Comuna do Porto. — A comissão administrativa inicia os seus trabalhos para a descentralização da organização do Porto.

Estão já constituidas as seguintes comunas:

Santo Ildefonso — Comuna Lenine: Manoel Ferreira Torres, secretário geral; Antonio Ramos, adjunto, e Antonio José de Magalhães tesoureiro. Delegados á Federação Comunal, A. Guimarães e A. Sousa Coelho.

Aguas Santas — Comuna Bela-Kun: Comissão administrativa, José Ribeiro, secretario geral; Angelo Azevedo, adjunto, e José Pereira, tesoureiro. Delegado á Federação José Pinto.

Bonfim — Comuna Rosa Luxemburgo: Comissão administrativa: Americo J. Mesquita, secretario geral; Tacito Cardoso, adjunto; Manoel Ferreira Cardoso, tesoureiro. Delegados á Federação Comunal, Mario Alves e Artur Correia Guedes.

Campanhã — Comuna Bacunine — Comissão administrativa: Antonio Pinto França, secretario geral; Demetrio Pinheiro de Sousa, adjunto; José Ferreira Campinho, tesoureiro. Delegados á Federação Comunal, José de Sousa Teixeira e A. Pinto França, estando em organização Sé, Santo Ildefonso e Aguas Santas.

Na semana finda registaram-se 19 adesões, sendo 10 na Comuna de Aguas Santas, 4, na de Campanhã e 5 na do Bonfim.

Todas as informações são prestadas pelos secretarios das Comunas, que estão todos os domingos, das 10 ás 12 na sede central, rua do Bonjardim, 211, 1.º.

Comuna Dantos. — Reuniu no dia 29 do p. p. a comissão administrativa, que em primeiro logar registou na acta um voto de sentimento pela morte de eminente revolucionario que em vida se chamou Lénine.

Registou com regozijo a adesão dum grande numero de filiados nesta comuna. Resolveu mais convocar a assembleia geral para o proximo dia 12, a fim de tratar de assuntos de grande importancia e bem assim nomear os respectivos delegados á conferencia regional a realisar no proximo mes de Abril.

Por ultimo foi resolvido recompor a comissão administrativa, que ficou composta da seguinte forma: secretario geral, J. Diamantino; secretario adjunto, José Soares; tesoureiro, Sebastião Simões, e arquivista, A. Santos Valdez.

Toda a correspondencia referente a esta comuna deve ser dirigida a J. Diamantino, Rua dos Moinhos, 27, 1.º-E.

O papel das Comunas e a Questão agraria

Folheto com 32 paginas da maxima oportunidade.

A sair na proxima semana

A COMERCIAL

CHAPELARIA E SAPATARIA

DE

Antonio d'Oliveira

17, R. do Rato, 21

SUCURSAL

89, R. Poiais de S. Bento, 93

Grande sortimento de chapeus e calçado

Preços resumidos

Enviamos semanalmente o nosso jornal a todos os camaradas filiados de Lisboa. E' talvez necessario lembrar que a cota do jornal é paga independentemente da cota do Partido, e á razão de 1$00 por mês. Não é de mais se se souber que cada jornal nos custa a nós 30 centavos.

as manifestações da massa, lado a lado, até que possamos passar-lhe á frente.

Julgamos que é esta a melhor maneira de ampliarmos os nossos quadros de combate, os quais serão preenchidos pelos elementos desgarrados dos organismos que forem ficando á retaguarda.

O orgão dos partidarios da I. S. V. marcou, em referencia à jornada de 22 de fevereiro, com um passo à retaguarda. Lamentamos o facto.

O agravamento da crise, pela ineficacia das soluções propostas, implica a fatalidade da Revolução

A manifestação de 22 de fevereiro deu-nos já o aniquilamento dum primeiro grupo politico *A Seara Nova*, de tão prometedoras esperanças para muita gente. O ministro da agricultura, sr. Azevedo Gomes, logo a seguir à manifestação, publicou uma portaria nomeando uma comissão para indicar as soluções a adoptar em referencia à carestia da vida. Era uma assembleia de lobos que iria resolver sobre à partilha do cordeiro. Nós puzemo-nos a olhar para aquilo, boquiabertos e balbuciámos: — *Afinal a «Seara Nova» não tinha lá dentro outra coisa senão aquilo!* E não tinha. Mas ainda estavamos mal refeitos desta surpreza, eis que outra nos surge: a nomeação do sr. Joaquim Ribeiro para substituir o homem da *Seara Nova*, que havia sido empurrado pela borda fora. Esfregámos os olhos tres vezes, olhámos, olhámos, e era verdade, lá vinha o autor do decreto 9.060, num jornal da tarde, a dizer que sim, que era ministro e que ia estudar o problema da carestia da vida. E nós a supormos que os ministros eram nomeados precisamente por conhecerem os problemas que tinham a tratar. Desafio do governo às reclamações publicas? Não o acreditamos. Desorientação do governo, é que está certo.

Jupiter dementa os que quer perder. A proposito tinham vindo já os escandalos da Companhia dos Tabacos e dos Altos Comissarios. Nestes momentos historicos ha sempre uma *Historia de colar* e um cardeal de Rohan. Ou melhor, muitas historias e muitos cardeais.

A desorientação dos governos, a fragmentação e instabilidade dos agrupamentos politicos, eis um novo sintoma do periodo revolucionario em que vivemos.

E teremos de ir até ao fim.

O movimento ascencional da alta dos preços tem, entre nós, causas multiplas e complexas a impulsioná-lo. A causa primaria, essencial, é, sem duvida, a depressão da divisa cambial. Esta depressão determinada pela escassez de cambiais no mercado tem duas origens. — 1.º O excedente das importações sobre as exportações, saldo negativo que não é coberto pelo positivo da balança de pagamento. — 2.º O *déficit* do orçamento do Estado que obriga ao recurso da inflação fiduciaria, determinando uma maior desvalorisação da moeda. A desordem governativa e a desordem nas ruas gera a desconfiança e determina o êzodo de capitais. E' um novo factor. E veem depois muitos outros entre os quais não é de desprezivel influencia — a politica fiscal do Estado. Tudo isto é elementar e nós não pretendemos dar lições de economia a ninguem.

As soluções correctamente usadas para eliminar ou atenuar estes males são as reduções de despezas, os impostos novos e os emprestimos. Já deram entre nós o que tinham a dar. Repetí-las é girar no circulo vicioso. A cada imposto novo corresponde uma alta no preço dos produtos sobre que ele recai dada a natureza endossavel dos impostos. Todos alijam a carga para o consumidor que já não tem a quem endossar. Este, porem, se é operario ou assalariado, tem ainda um recurso, o aumento de salario. Mas o salario maior encarece o produto e não faz mais do que iniciar de novo o circulo vicioso. Emfim, um beco sem saida.

Tapa-se uma ferida para logo surgir outra. Preços e salarios são dois corredores cuja meta não se divisa. Os preços teem sempre melhor possibilidade de irem á frente. Quanto maior fôr a distancia que separa os dois corredores tanto maior é a possibilidade da revolução. A miseria alastrando proletarisa novas classes, engrossa o exercito dos revoltados. E' neste ambiente de descontentamento que sossobram as formulas economicas e politicas actuais e se elaboram as formulas novas.

O governo está em face duma situação insoluvel. O Parlamento é o maior estorvo a qualquer acção rapida e inteligente. O que vier, pois, não pode ser senão paliativo. Mas esse paliativo poderia ao menos ser inteligente e habil. Nem isso se fez.

Estamos todos a dançar no rebordo, da cratera dum vulcão.

Quem será engulido?